

**GEORGE
ORWELL**

**A REVOLUÇÃO
DOS BICHOS**



GEORGE ORWELL

TRADUÇÃO: KARLA LIMA

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Animal farm

Revisão
Mauro de Barros
Fernanda R. Braga Simon

Texto
George Orwell

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
Karla Lima

Imagens
Alexander Baidin/ Shutterstock.com;
Lubava_illustrator/Shutterstock.com

Preparação
Mariana Góis
Maria Stephania da Costa Flores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79r	Orwell, George, 1903-1950
	A Revolução dos Bichos / George Orwell ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Principis, 2021. 96 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial - LUXO)
	Tradução de: Animal Farm Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-277-8
	1. Literatura inglesa. 2. Fábula. 3. Romance. 4. Sátira política. 5. Ficção. I. Lima, Karla. II. Título. III. Série.
2020-3170	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Fábula 823
2. Literatura inglesa : Fábula 821.111-31

Texto publicado integralmente no livro *A revolução dos bichos*, em 2021, na edição em brochura pelo selo Principis da Ciranda Cultural. (N.E.)

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



CAPÍTULO 1

O senhor Jones, da Fazenda Solar, trancou o galinheiro à noite, mas estava bêbado demais para se lembrar de fechar também as portinholas. Com o facho de luz da lanterna balançando, ele cambaleou pelo pátio, tirou as botas quando chegou à porta dos fundos, serviu-se de um último copo de cerveja do barril da copa e tomou o rumo da cama, onde a senhora Jones já ressonava.

Tão logo a luz do quarto foi apagada, um grande alvoroço começou em todas as construções da fazenda. Boatos que tinham corrido durante o dia diziam que o velho Major, um porco premiado, tivera um sonho estranho na noite anterior e queria contá-lo aos outros animais. Todos combinaram um encontro no grande celeiro assim que o senhor Jones estivesse fora do caminho. O velho Major (era assim que sempre o chamavam, apesar de na exposição ele ter sido apresentado como “Beleza de Willingdon”) era tão respeitado na fazenda que ninguém se importava em perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Em uma ponta do grande celeiro, sobre uma espécie de plataforma elevada, Major já se instalara devidamente em sua cama de palha, debaixo de uma lanterna que pendia da trave. Estava com doze anos e nos últimos tempos se tornara bem corpulento, mas ainda tinha uma aparência imponente, sábia e bondosa, apesar de seus caninos nunca terem sido cortados. Logo os outros animais chegaram e começaram a se

acomodar, cada um à sua maneira. Primeiro vieram os três cachorros, Bluebell, Jessie e Pincher, e depois os porcos, que se ajeitaram na palha bem em frente à plataforma. As galinhas se empoleiraram nos peitoris das janelas, os pombos voaram até as vigas lá no alto, as ovelhas e vacas se deitaram atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos do arado, Boxer e Clover, chegaram juntos, andando bem devagar e pousando com muito cuidado as grossas patas peludas, para não pisar em algum animalzinho escondido no meio da palha. Clover, uma égua robusta e maternal, se aproximava da meia-idade e não voltara à antiga silhueta depois da quarta cria. Boxer era um animal enorme, com mais de um metro e oitenta de altura, tão forte quanto dois cavalos comuns somados. A faixa branca em seu focinho lhe dava uma aparência um tanto boba, e de fato ele não tinha uma inteligência brilhante, mas era universalmente respeitado por sua firmeza de caráter e tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos, entraram Muriel, a cabra branca, e Benjamin, o burro. Benjamin era o animal mais velho e mais mal-humorado da fazenda. Quase nunca falava, porém, quando abria a boca, em geral soltava um comentário cínico. Dizia, por exemplo, que Deus lhe dera um rabo para espantar as moscas, mas que ele preferiria não ter rabo nem moscas. Entre os animais da fazenda, era o único que nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, ele dizia que não via nenhum motivo para dar risada. Apesar disso, e sem jamais admitir abertamente, era muito dedicado a Boxer; costumavam passar o domingo juntos no pequeno cercado atrás do pomar, pastando lado a lado sem jamais conversar.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando uma ninhada de patinhos, que tinha perdido a mãe, entrou em fila no celeiro, grassando baixinho e perambulando de um lado para outro em busca de um lugar seguro onde se ajeitar. Com uma das longas patas dianteiras, Clover fez ao redor deles uma espécie de muro. Os patinhos se aninharam naquele espaço e adormeceram no mesmo instante. No último minuto, Mollie, a égua branca, bonita e afetada que puxava a charrete do senhor Jones,

entrou gingando, vaidosa, chupando um torrão de açúcar. Ocupou o espaço na frente e começou a mexer a cabeça, esperando chamar a atenção para as fitas vermelhas trançadas na crina branca. Por fim chegou a gata, que procurou, como sempre, o lugar mais quente, e afinal se espremeu entre Boxer e Clover. Ali ronronou de satisfação durante todo o discurso de Major, sem ouvir uma só palavra que ele dizia.

Finalmente todos os animais estavam presentes, exceto Moses, o corvo domesticado, que dormia em um poleiro atrás da porta dos fundos. Quando Major viu que seus convidados haviam se acomodado e aguardavam com atenção, pigarreou e começou:

– Camaradas, vocês já ouviram sobre o sonho estranho que tive ontem à noite. Mas do sonho eu vou falar daqui a pouco. Antes, tem outra coisa que quero dizer. Não acredito, camaradas, que estarei com vocês por muitos meses mais e, antes de morrer, sinto que é meu dever transmitir a sabedoria que adquiri. Tive uma vida longa e muito tempo para pensar, sozinho no meu chiqueiro, e acho que posso afirmar que compreendo a natureza da vida nesta Terra tão bem quanto qualquer outro animal. É sobre isso que quero conversar com vocês.

“Agora, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Sejamos francos: nossas vidas são miseráveis, laboriosas e curtas. Nós nascemos, recebemos apenas comida suficiente para sobreviver, e aqueles entre nós que conseguem se manter vivos são forçados a trabalhar até o último átomo de suas forças. No instante em que nossa utilidade chega ao fim, somos abatidos com uma crueldade hedionda. Depois de completar um ano de idade, nenhum animal na Inglaterra conhece o significado de felicidade ou lazer. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravidão, esta é a verdade nua e crua.

“Mas será isso simplesmente parte da ordem natural? Será que esta nossa terra é tão pobre que não consegue proporcionar uma vida decente aos que vivem nela? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, o solo é capaz de oferecer comida em abundância para um número muitíssimo maior de animais do que

os que agora a habitam. Esta nossa fazenda, sozinha, poderia sustentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas e centenas de ovelhas, todos vivendo com um conforto e uma dignidade que agora nos parecem quase além da imaginação. Por que, então, continuamos nessa condição miserável? Porque a quase totalidade do produto do nosso trabalho é roubada de nós pelos seres humanos. Esta, camaradas, é a resposta para todos os nossos problemas. Resume-se a uma única palavra: homem. O Homem é o único inimigo que nós temos. Tirem o Homem de cena, e a causa da fome e do excesso de trabalho fica eliminada para sempre.

“O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Ele não dá leite, ele não bota ovos, ele é fraco demais para puxar o arado, ele não corre depressa o bastante para pegar os coelhos. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Ele os põe para trabalhar, dá de volta o mínimo indispensável para que não morram de inanição e guarda o resto para si. Nosso trabalho cultiva este solo e nossas fezes o fertilizam, mas, apesar disso, não há um só entre nós que possua mais do que a própria pele. Vocês, vacas aqui à minha frente: quantos milhares de galões de leite vocês deram no último ano? E o que aconteceu com aquele leite que deveria estar nutrindo e fortalecendo os seus bezerros? Cada gota dele desceu pela goela dos nossos inimigos. E vocês, galinhas? Quantos ovos vocês botaram no último ano, e quantos eclodiram e se tornaram pintinhos? Todo o resto foi negociado, virou dinheiro para o Jones e os homens dele. E quanto a você, Clover, onde estão os quatro potros que gerou e que deveriam ser o conforto e o prazer de sua velhice? Cada um foi vendido com um ano de idade, e você jamais vai vê-los de novo. Em retribuição aos seus quatro partos e todo o trabalho nos campos, o que você recebeu, exceto parcas rações e uma baia?

“Mesmo esta vida desgraçada que nós levamos não consegue chegar a seu fim natural. E não estou reclamando por mim, pois sou um dos poucos sortudos. Tenho doze anos e tive mais de quatrocentos filhos. Assim é a vida natural de um porco. Mas nenhum animal escapa da faca cruel no fim. Vocês, porcos jovens sentados à minha frente: em um

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

ano, cada um vai gritar por suas vidas em cima de um cepo de madeira. Todos nós chegaremos a esse horror: vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todo mundo. Nem mesmo os cavalos e os cães têm um destino melhor. Você, Boxer: no mesmo dia em que esses seus músculos maravilhosos perderem a força, Jones vai vendê-lo para o carnicheiro, que vai cortar sua garganta e ferver seu corpo para servir às raposas. Quanto aos cachorros, quando eles ficam velhos e desdentados, Jones amarra um tijolo em seus pescoços e os afoga no lago mais próximo.

“Portanto, camaradas, não está claro e cristalino que todos os males desta nossa vida nascem da tirania dos seres humanos? Basta nos livrarmos do Homem e o produto do nosso trabalho poderia ser todo nosso. Praticamente de uma hora para outra, seríamos ricos e livres. O que devemos fazer, então? Ora, trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para desbancar a raça humana! Esta é a minha mensagem para vocês, camaradas: Revolução! Não sei quando a Revolução virá, pode ser em uma semana ou em cem anos, mas sei, tão certo quanto vejo esta palha sob meus pés, que cedo ou tarde a justiça será feita. Mantenham o foco nisso, camaradas, ao longo do pouco que resta de suas vidas! E, acima de tudo, transmitam esta minha mensagem aos que vierem depois de vocês, de modo que as futuras gerações possam levar a luta adiante até a vitória.

“Lembrem-se, camaradas, de que sua determinação nunca pode falhar. Nenhum argumento deve desviá-los do caminho. Nunca deem ouvidos quando eles disserem que o Homem e os animais têm um interesse comum e que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. Isso é mentira. O Homem não busca o interesse de nenhuma criatura além dele mesmo. Que entre nós, animais, haja uma perfeita união, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.”

Nesse momento começou uma grande confusão. Enquanto Major falava, quatro ratazanas saíram de seus buracos e estavam sentadas nas patas traseiras, escutando. Os cachorros de repente as viram e foi só por

um giro muito ágil de volta aos buracos que elas salvaram a pele. Major ergueu a pata, pedindo silêncio.

– Camaradas, eis aqui um ponto que precisamos acertar. As criaturas selvagens, como os ratos e os coelhos, são nossas amigas ou inimigas? Vamos colocar em votação. Eu proponho a seguinte pergunta para esta reunião: os ratos são nossos camaradas?

A votação foi feita de imediato e concordou-se, por uma esmagadora maioria, que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cães e a gata, que, conforme se descobriu mais tarde, tinham votado para os dois lados. O Major continuou:

– Não tenho mais muita coisa a dizer. Apenas repito: lembrem-se sempre de seu dever de inimizade com o Homem e os interesses dele. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo. Mesmo quando vocês vencerem o Homem, não adotem seus vícios. Nenhum animal deve jamais morar em uma casa, dormir em uma cama, vestir roupas, beber álcool nem fumar, tocar em dinheiro nem fazer comércio. Todos os hábitos do Homem são péssimos. Acima de tudo, nenhum animal deve jamais tyrannizar um dos seus. Fracos ou fortes, astutos ou simplórios, nós somos todos irmãos. Nenhum animal deve jamais matar outro animal. Todos os bichos são iguais.

“Agora, camaradas, vou contar o meu sonho de ontem à noite. Mal posso descrevê-lo para vocês. Foi um sonho sobre como a Terra vai ser quando o Homem for banido. Mas ele me lembrou de uma coisa que eu tinha esquecido há muito tempo. Vários anos atrás, quando eu ainda era um leitãozinho, minha mãe e outras matrizes costumavam cantar uma velha canção da qual elas só conheciam a melodia e as três primeiras palavras. Eu sabia essa música na infância, mas fazia muito tempo que ela havia sumido da minha memória. Ontem à noite, porém, no sonho, ela voltou. E não só a melodia: as palavras também voltaram. Palavras que, tenho certeza, eram cantadas pelos animais no passado distante e que caíram no esquecimento com o passar de muitas gerações.

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Vou cantar a canção para vocês agora, camaradas. Sou velho e minha voz é rouca, mas, quando eu tiver ensinado, vocês vão cantar sozinhos muito melhor. Chama-se ‘Animais da Inglaterra’.”

O velho Major pigarreou e começou a cantar. Como ele mesmo havia dito, a voz era rouca, mas cantou bastante bem, e a melodia era empolgante, algo entre “Clementine” e “La Cucaracha”. A letra era assim:

*Animais da Inglaterra, feras da Irlanda
Bichos de toda terra e tipo de clima
Juntem-se a nós nesta ciranda
Ouçam a novidade que se aproxima.*

*Mais cedo ou mais tarde vai chegar o dia
Em que o Homem tirano será derrubado
E em toda a Inglaterra o campo fertilizado
Pertencerá só aos animais, que alegria!*

*Nossos narizes não terão mais argolas
Sumirão os arreios das nossas costas
Esporas e lâminas enferrujarão
Chicotes cruéis não mais estalarão.*

*Mais riquezas do que temos em mente
Como trigo, cevada, aveia e feno
Trevo, feijão e todo tipo de semente
A todos nós pertencerão igualmente.*

*Os campos da Inglaterra vão brilhar
E límpidas as águas vão murmurar
Mais doce ainda a brisa vai soprar
No dia em que iremos nos libertar.*

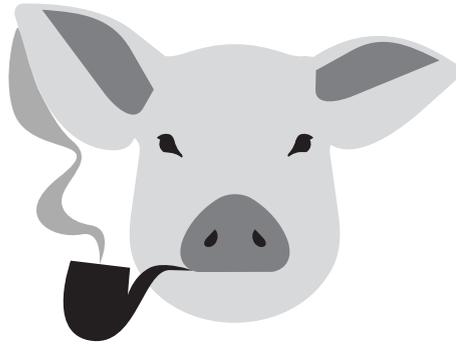
GEORGE ORWELL

*Em prol deste dia trabalhar nós devemos
Ainda que morramos antes de vencermos
Vacas, cavalos e aves em pé de igualdade
Todos precisamos lutar pela justa liberdade.*

*Animais da Inglaterra, feras da Irlanda
Bichos de toda terra e tipo de clima
Juntem-se a nós nesta ciranda
Ouçam a novidade que se aproxima.*

Cantar esta música lançou os animais em uma agitação enorme. Pouco antes de Major chegar ao fim, eles começaram a cantar sozinhos. Até os mais bobos já tinham captado a melodia e algumas palavras, enquanto os mais espertos, como os porcos e os cachorros, aprenderam a música de cor em poucos minutos. Então, depois de algumas tentativas preliminares, a fazenda inteira explodiu na cantoria de “Animais da Inglaterra” em um unísono poderoso. As vacas mugiram a melodia, os cachorros uivaram, as ovelhas baliram, os cavalos relincharam, os patos grasnaram. Eles estavam tão deliciados com a música que a entoaram cinco vezes consecutivas e poderiam ter continuado noite adentro se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, a agitação acordou o senhor Jones, que pulou da cama certo de que uma raposa invadira o pátio. Apanhou a arma que sempre ficava no canto do quarto e disparou uma rajada de tiros de chumbinho contra a escuridão. Os petardos se alojaram na parede do celeiro e a reunião foi encerrada às pressas. Todos voltaram depressa para o lugar onde dormiam, os pássaros voaram para o poleiro, os outros se acomodaram na palha e, um instante depois, a fazenda inteira dormia.



CAPÍTULO 2

Três noites depois, o velho Major morreu, tranquilo, durante o sono. Seu corpo foi enterrado na beira do pomar.

Era o início de março. Ao longo dos três meses seguintes, houve muita atividade secreta. O discurso de Major tinha dado aos bichos mais inteligentes da fazenda uma visão de mundo totalmente nova. Eles não sabiam quando a Revolução prevista por Major iria acontecer, nem tinham motivos para pensar que ela ocorreria durante suas vidas, mas sabiam que precisavam se preparar para ela. Era um dever. O trabalho de ensinar e organizar os demais recaiu naturalmente sobre os porcos, que eram reconhecidos por todos como os mais inteligentes entre os animais. Entre os porcos, havia dois jovens notáveis chamados Snowball e Napoleon, que o senhor Jones criava para vender. Napoleon era um leitão grande da raça Berkshire, o único Berkshire da fazenda; não era de muita conversa, tinha uma aparência feroz e fama de conseguir as coisas a seu modo. Snowball, mais alegre do que Napoleon, mais falante e criativo, tinha um porém: não era considerado tão firme de caráter. Os demais porcos machos da fazenda eram castrados. O mais popular deles era pequeno, gordinho, chamava-se Squealer. Tinha bochechas muito redondas, piscava sem parar, tinha movimentos ágeis e voz aguda. Era um comunicador brilhante e, quando expunha um argumento complicado, tinha um jeito de pular de um lado para outro e de

agitar o rabió. Isso o tornava muito convincente. Os outros diziam que Squealer era capaz de transformar o preto em branco.

Esses três haviam consolidado os ensinamentos do Major em um sistema de pensamento completo, ao qual deram o nome de Animalismo. Diversas noites por semana, depois de o senhor Jones dormir, eles faziam reuniões secretas no celeiro e apresentavam os princípios do Animalismo para os demais. No começo, enfrentaram muita tolice e apatia. Alguns bichos falavam sobre o dever de lealdade para com o senhor Jones, a quem se referiam como “Senhor”, ou faziam comentários rasteiros como “O senhor Jones nos alimenta. Se ele sumir, vamos morrer de fome”. Outros faziam perguntas como “Por que deveríamos nos importar com o que acontece com o nosso corpo depois de morrer?” ou então “Se essa Revolução vai acontecer de qualquer jeito, que diferença faz trabalharmos por ela ou não?”. Os porcos tinham uma dificuldade imensa de fazê-los enxergar que aquilo era contrário ao espírito do Animalismo. As perguntas mais cretinas de todas eram feitas por Mollie, a égua branca. A primeira que ela fez a Snowball foi: “Ainda vai ter açúcar depois da Revolução?”.

– Não – disse Snowball, firme. – Não temos meios de produzir açúcar nesta fazenda. Além disso, você não precisa de açúcar. Vai ter toda a aveia e todo o feno que quiser.

– Eu ainda vou poder usar fitas na crina? – perguntou Mollie.

– Camarada, esses enfeites que você tanto adora são uma das marcas da escravidão. Você não consegue entender que a liberdade vale mais do que as fitas?

Mollie concordou, mas não pareceu muito convencida.

Os porcos enfrentaram uma batalha ainda mais difícil para combater as mentiras ditas por Moses, o corvo domesticado. Moses, o queridinho do senhor Jones, era espião e contador de lorotas, mas também um conversador muito esperto. Ele afirmava saber da existência de um país misterioso chamado Montanha de Açúcar, para onde os animais iam ao morrer. Ficava em algum lugar lá em cima no céu, um pouco depois

das nuvens, dizia Moses. Na Montanha de Açúcar, todos os dias eram domingo, o trevo crescia durante o ano inteiro e, nos canteiros, brotavam torrões de açúcar e bolos de linhaça. Os animais odiavam Moses porque ele contava mentiras e não trabalhava, mas alguns acreditavam na Montanha de Açúcar, e os porcos precisaram se esforçar muito para convencê-los de que tal lugar não existia.

Seus discípulos mais fiéis eram os cavalos que puxavam o arado, Boxer e Clover. Os dois tinham muita dificuldade em pensar com a própria cabeça, porém uma vez que aceitaram os porcos como seus professores, absorveram tudo que lhes foi dito e passaram adiante, aos outros animais, usando argumentos simples. Nunca faltavam às reuniões secretas no celeiro e puxavam a cantoria de “Animais da Inglaterra” que encerrava os encontros.

Eis que a Revolução acabou acontecendo bem mais cedo e com muito mais facilidade do que qualquer um poderia ter imaginado. Antigamente, o senhor Jones, apesar de ser um proprietário severo, fora um fazendeiro capaz, mas agora estava em franca decadência. Tinha ficado muito abalado depois de perder dinheiro em um processo e começara a beber mais do que seria razoável. Por dias inteiros permanecia afundado na cadeira Windsor da cozinha, lendo jornal, bebendo e de vez em quando dando para Moses cascas de pão encharcadas de cerveja. Os empregados se tornaram preguiçosos e desonestos, os campos ficaram cheios de ervas daninhas, as edificações careciam de reparos no telhado, a lavoura foi negligenciada e os animais não recebiam comida suficiente.

Junho chegou e o feno estava quase pronto para ser colhido. Na véspera do solstício de verão, que caiu em um sábado, o senhor Jones foi para Willingdon e bebeu tanto no bar Leão Ruivo que não voltou até o meio-dia de domingo. Os empregados tinham ordenhado as vacas bem cedo pela manhã e depois saído para caçar coelhos, sem se dar ao trabalho de alimentar os animais. Quando o senhor Jones voltou, foi dormir no sofá da sala com o jornal *News of the World* por cima do rosto, e